**CINEMA BRASILEIRO NEODISTÓPICO**

Felipe Benicio[[1]](#footnote-1)

**RESUMO**

A ficção especulativa, sobretudo a ficção científica e a distopia, estão presentes na história do cinema desde a sua gênese, como atestam clássicos como *Le Voyage dans la Lune* (Georges Méliès, 1902) e *Metropolis* (Fritz Lang, 1927). Como é sabido no campo de estudos da ficção científica, tais obras são menos sobre o futuro do que sobre aspectos inerentes ao contexto em que foram concebidas (Suvin, 1979; Seed, 2011), o que implica em dizer que, nesse contexto, a especulação acerca do futuro, ou mesmo o vislumbre de realidades alternativas, é algo potencialmente carregado de uma visão crítica em relação ao seu presente histórico. Embora o cinema brasileiro não seja famoso pelas suas produções especulativas, é evidente que tal artifício tem sido cada vez mais utilizado por realizadores/as audiovisuais nos últimos anos, principalmente em produções independentes, oferecendo muitas vezes um contraponto crítico e criativo aos *blockbusters* hollywoodianos congêneres. Em um contexto brasileiro em que a sociedade tem flertado de maneira cada vez mais perigosa com o fascismo, a intolerância e toda sorte de preconceitos, não é de se admirar que a literatura e cinema nacionais tenham aderido à ficção especulativa como uma ferramenta para expressar seus medos e suas esperanças. Diante disso, a presente comunicação tem como objetivo apresentar um breve panorama crítico do cinema brasileiro contemporâneo, com enfoque em obras que podem ser caracterizadas como neodistópicas, isto é, narrativas que reelaboram as características típicas das distopias do século XX, dando origem a significativas reconfigurações formais e temáticas, como pode ser observado nos filmes *Branco sai, preto fica* (Adirley Queirós, 2014), *Divino amor* (Gabriel Mascaro, 2019), *Bacurau* (Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, 2019), *Medusa* (Anita Rocha da Silveira, 2021), *Mato seco em chamas* (Joana Pimenta e Adirley Queirós, 2022). Para tanto, são cruciais para a presente reflexão as discussões teóricas de Baccolini e Moylan (2003), Moylan (2016) e Claeys (2017) sobre distopias; Levitas (2001) e Sargent (2010) sobre utopismo; Benicio (2023) sobre o neodistópico; Nagib (2006) e Kalil (2023) sobre a utopia no cinema brasileiro. Espera-se que esta comunicação possa contribuir para o desdobramento do conceito de neodistópico, utilizando-o para refletir sobre obras audiovisuais; com as discussões acerca do cinema especulativo brasileiro; e, por fim, com a fortuna crítica dos filmes analisados.

**Palavras-chave:** Cinema brasileiro contemporâneo. Ficção especulativa. Neodistópico.

1. Felipe Benicio é escritor, doutor em Estudos Literários e professor de literatura do curso de Letras-Inglês da Universidade Federal de Alagoas. Publicou o livro de poemas *do Caos &* (Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018, e o livro de teoria literária *O neodistópico: metamorfoses da distopia no século XXI* (Edufal, 2023). Integra o grupo de pesquisa Literatura & Utopia e é membro do Coletivo Volante. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5839-0994>. [↑](#footnote-ref-1)